

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 9 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2020

## JESUS, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA: UM ESTUDO EXEGETICO DE JOÃO 14.1-7<sup>1</sup>

JESUS, THE WAY, THE TRUTH AND THE LIFE: AN EXEGETICAL STUDY IN OF JOHN 14.1-7

*Me. Gabriel Giroto Lauter<sup>2</sup>*

### RESUMO

O presente artigo consiste de uma exegese do texto de João 14.1-7 baseada na metodologia histórico gramatical, conforme modelo proposto por Claiton A. Kunz. Inicia-se com uma breve apresentação do texto que inclui a crítica textual e tradução da passagem. Após a análise do contexto histórico, cultural e literário da passagem, é feita a análise do texto propriamente dito. Finalmente, é feita uma síntese com as conclusões encontradas a partir do estudo da passagem. Observa-se que a fé em Deus está relacionada com a fé em Jesus e que o uso da expressão “eu sou” reforça a ligação de Jesus com Deus e sua natureza divina. Jesus encorajou os discípulos, deixando claro que seus discípulos serão recebidos na casa do Pai e que a separação entre eles

<sup>1</sup> O conteúdo deste artigo faz parte da dissertação de mestrado “Pluralismo Religioso e a Bíblia: uma união possível? Um estudo em passagens do Novo Testamento em contraste com a Teologia do Pluralismo Religioso”.

<sup>2</sup> O autor é Mestre em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (FBP) e Bacharel em Administração de Empresas pela UNISC. Pastor na Igreja Batista Pioneira em Santa Bárbara do Sul, professor e coordenador de extensão na FBP. E-mail: gabriel@batistapioneira.edu.br

seria temporária. Trata-se de uma palavra de esperança. No ponto principal da passagem, Jesus apresenta-se como o caminho, a verdade e a vida. Portanto, o discípulo de Jesus não pode aceitar que há outro meio através do qual seja possível conhecer a Deus, senão através da revelação de Deus em Jesus. Destaca-se que Jesus fala com a autoridade da posição que ocupa, como Deus encarnado, Messias e Salvador que deu sua vida como sacrifício pelo pecado da humanidade.

**Palavras-chave:** Exegese. Evangelho. Jesus. Bíblia. Exclusivismo.

## ABSTRACT

The article consists of an exegesis of the text of John 14.1-7 based on the historical-grammatical method, as proposed by Claiton A. Kunz. It starts with a brief presentation of the text, which includes the analysis of the manuscripts and translation of the passage. After the analysis of the historical, cultural, and literary contexts, an analysis of the text is done. Finally, a synthesis is presented with the conclusions found through the study of the passage. It was observed that faith in God is closely related to the faith in Jesus and that the use of the expression “I am” reinforces Jesus’ connection with God and his divine nature. Jesus encouraged his disciples, making clear that they will be received in the house of the Father, and that their separation will be temporary. It is a word of hope. In the main point of the passage, Jesus presented himself as the way, the truth, and the life. Thus, the disciple of Jesus can not accept that there are other means to know God instead of God’s revelation through Jesus. It is highlighted that Jesus speaks with the authority of his positions as God incarnated, Messiah, and Saviour, who gave his life as a sacrifice of the sins of humankind.

**Keywords:** Exegesis. Gospel. Jesus. Bible. Exclusivism.

## INTRODUÇÃO

Um guia africano, quando um missionário novo perguntou a respeito do caminho que teriam de seguir através da selva, apontou calmamente para si mesmo e disse: “Eu sou o caminho”.<sup>3</sup>

Em um tempo no qual é comum a expressão “todos os caminhos levam a

<sup>3</sup>TAYLOR, William Carey. **Evangelho de João: tradução e comentário**. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1957, vol. 2, p. 473.

Deus”, ou, então, “todos são filhos de Deus”, que orientação a Bíblia tem a dar aos cristãos? Seriam essas afirmações adequadas àquilo que Jesus ensinou a seus discípulos? Neste artigo, será feita uma exegese de uma expressão dita por Jesus a seus apóstolos em um momento importante de seu ministério. Diante do contexto atual, a afirmação de Jesus soaria inapropriada, ou mesmo soberba. Entretanto, sua posição única como Deus encarnado, segunda pessoa da Trindade, Messias e salvador da humanidade o permite fazê-la, mesmo sendo seu conteúdo surpreendente. Essa afirmação revela com profundidade sua identidade e missão messiânica.

## 1. O TEXTO

No texto de Jo 14.1-7, o apóstolo João, conhecido também como o discípulo amado, descreveu como ninguém os detalhes dos últimos momentos de Jesus com seus discípulos antes de sua prisão e crucificação.<sup>4</sup> Em um momento de grande tensão, quando as revelações feitas pelo mestre haviam deixado seus discípulos perturbados, Jesus fez uma das afirmações mais importantes para o cristianismo: apresentou-se como o único caminho, verdade e vida, afirmando que não há outro caminho para o Pai além dele próprio. A revelação do Pai foi apresentada como motivo de sua vinda. Qual o significado de tais palavras proferidas por Jesus? O que elas representam para o cristão na contemporaneidade? Através do estudo do texto se buscará as respostas para tais perguntas.

### 1.1 VISÃO GERAL

Era um momento de tensão, os discípulos pareciam não conseguir compreender as palavras do seu mestre. Jesus, que em outras ocasiões já os havia alertado de que sua morte se aproximava (Jo 12.20-36), acaba de lhes revelar que um deles o trairia. Como se isso não bastasse, passa a lhes dizer que iria para um lugar onde eles ainda não poderiam ir (Jo 13.33-36). Era natural que o coração dos discípulos estivesse perturbado. Quem seria o traidor? Que perigos ameaçariam Jesus e seus discípulos? Para onde Jesus iria? Por que eles não poderiam segui-lo? É possível que todas essas perguntas permeassem suas mentes, produzindo uma crescente inquietação em seus corações.

---

<sup>4</sup> Aqui não será discutida a autoria do texto. Para detalhes sobre a questão da autoria ou historicidade do texto, sugere-se a leitura de Erich Muerhofer (2010, p. 234-254).

Neste momento Jesus conforta seus discípulos e os orienta a crerem em Deus e a crerem também nele. Jesus apresenta-lhes a promessa de que há muitas moradas na casa do Pai, que ele lhes prepararia lugar, mas que retornaria para eles e os tomaria para si. Embora Jesus afirme que eles já conhecem o caminho, seus discípulos não entendem o que o mestre tenta lhes dizer, como eles poderiam segui-lo se não sabiam para onde ele iria? Mas Jesus segue em sua explicação, apresentando a si mesmo como o caminho para o verdadeiro conhecimento do Pai. Revelar o Pai é justamente o motivo de sua vinda.

## 1.2 DELIMITAÇÃO

A delimitação do início da passagem encontra-se no momento em que Jesus deixa de se dirigir apenas a Pedro e passa a falar novamente aos discípulos. No texto grego isso pode ser claramente percebido, pois em Jo 13.38 utiliza-se o pronome σοι (*soi*) e o verbo ἀρνέομαι (*harneomai*, negar)<sup>5</sup> conjugado na segunda pessoa do singular, enquanto em 14.1 passam a ser utilizados o pronome ὑμῶν (*hymôn*, vosso) e o verbo πιστεύω (*pisteuô*, crer) conjugado na segunda pessoa do plural. Ou seja, fica claro Jesus volta-se novamente para todos depois de ter falado diretamente ao apóstolo Pedro.

O término é marcado pelo questionamento de Filipe a Jesus em Jo 14.8. Embora haja uma continuidade no diálogo de Jesus com seus discípulos, a resposta subsequente de Jesus a partir de 14.9 é dada diretamente a Filipe, voltando a ser usada a segunda pessoa do singular. Outra razão para a delimitação do final do trecho em 14.7 é que, ao responder o questionamento de Filipe, Jesus introduz também outros elementos na explicação.<sup>6</sup>

## 1.3 CRÍTICA TEXTUAL

O texto escolhido apresenta variantes textuais em três dos sete versículos estudados. As variantes do versículo 2, conforme a quarta edição de “O Novo Testamento Grego”, são:<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Em todo o trabalho, as transliterações foram realizadas seguindo o padrão indicado por Brown e Coenen (2000) em “Dicionário Internacional de Teologia”.

<sup>6</sup> A partir de 14.10, Jesus passa a falar a respeito das obras (ἔργον) que ele realizava e que também realizariam aqueles que cressem nele. Já a partir de 14.16, fala também a respeito da vinda do Espírito Santo (παράκλητος).

<sup>7</sup> ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). **O Novo Testamento Grego**: quarta edição revisada. Barueri: SBB, 2012, p. 323.

ὅτι P<sup>66c</sup> ⋈ A B C\* D L W Ψ f<sup>3</sup> 33 565 579 892 1071 l 387<sup>1/2</sup>  
 l 547<sup>1/2</sup> it<sup>aur, b, c, d, ff2</sup> vg cop<sup>sa, bo, acm2, fai</sup> arm eti geo esl Cirilo<sup>lem</sup>  
 Teodoreto; Jerônimo Agostinho<sup>23</sup> //  
 omitem P<sup>66\*</sup> C2 Δ Θ 0233 f<sup>i</sup> (1 homoteleuto) 28 157 180  
 205 597 700 828\* 1006 1010 1241 1243 1292 1342 1424  
 1505 Biz [E G H N] Lec it<sup>a, e, f, q</sup> Orígenes<sup>lat</sup> Crisóstomo  
 Cirilo; Agostinho<sup>1/3</sup>

A primeira leitura apresenta a palavra ὅτι (*hoti*, que/pois) logo depois de εἶπον ἄν ὑμῖν (“*eipon an hymin*”, “teria dito a vós”). Ela é atestada pelo Papiro 66 (versão corrigida), pelos Unciais Sinaítico (), Alexandrino (A), Vaticano (B), Efraimita (C, leitura original), entre outros (D, L, W, Ψ), por alguns Minúsculos (f<sup>3</sup>, 33, 565, 579, 892, 1071), pelos Lecionários l 387 e l 547 (uma entre duas ocorrências), por algumas versões antigas como a *Vetus Latina* (alguns manuscritos), vulgata (alguns manuscritos), copta, armênia, etíope, georgiana e eslava, além de Cirilo (citação de um lema), Teodoreto, Jerônimo e Agostinho (duas entre três ocorrências). A palavra ὅτι (*hoti*, que/pois) é omitida pelo Papiro 66 (versão original), por alguns Unciais (C2, Δ, Θ, 0233), por vários Minúsculos (f<sup>i</sup>, 28, 157, 180, 205, 597, 700, 828 original, 1006, 1010, 1241, 1243, 1292, 1342, 1424, 1505), pelos manuscritos de tradição bizantina, por alguns lecionários, além de Orígenes (latino), Crisóstomo, Cirilo e Agostinho (uma entre três ocorrências).

Os editores da quarta edição de “O Novo Testamento Grego” optaram pela inclusão da palavra e classificaram essa variante com o grau de incerteza {B}, que significa um grau de incerteza relativamente baixo. Segundo Roger Omanson, a ausência de ὅτι em alguns testemunhos é explicada devido ao fato de que possivelmente os copistas o interpretaram como um marcador de discurso direto e, julgando-o desnecessário, acabaram por omiti-lo. Portanto, é provável que a palavra faça parte da leitura original. Uma possibilidade seria traduzir a ὅτι como “porque” ou “pois”. Essa é a escolha feita, por exemplo, na tradução ARA. Outra possibilidade seria entender que a palavra ὅτι introduz uma oração substantiva. Nesse caso, fica implícito que Jesus já havia dito aos discípulos que estava indo prepara-lhes lugar e, para manter a coerência do texto, aceita-se a presença de um ponto de interrogação no final do verso 2.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. São Paulo: Sociedade Bíblica do

Essa é a leitura sugerida em “O Novo Testamento Grego” e que também será adotada nesse estudo.

O verso 4 apresenta as seguintes variantes:

τὴν ὁδὸν P<sup>66c</sup>· B C\* L Q W 33 579 1071 it<sup>a</sup>, rlvld cop<sup>sams, pbo</sup>,  
bo esl //

καὶ τὴν ὁδὸν οἴδατε P<sup>66\*</sup> A C<sup>3</sup> D Δ Θ Ψ 0141 f<sup>1</sup> f<sup>3</sup> 28  
(157 *omite* καὶ) 180 205 565 597 700 892 1006 1010 1241  
1243 1292 1342 1424 1505 Biz [E G H N] Lec it<sup>aur, b, c, d, e, f, ff2</sup>,  
q vg sir<sup>s, p, h, pal</sup> cop<sup>samss, acm2</sup> arm eti<sup>pp</sup> geo Crisóstomo Cirilo<sup>lem</sup>,

Ambrósio Agostinho

A primeira leitura apresenta τὴν ὁδὸν (“*tên hodon*”, “o caminho”) no final do verso 4. Ela é atestada pelo Papiro 66 (versão corrigida), pelos Unciais Sinaítico (C), Vaticano (B), Efraimita (C, leitura original) entre outros (L, Q, W), por alguns Minúsculos (33, 579, 1071) e por versões antigas como a *Vetus Latina* (alguns manuscritos), *copta* (alguns manuscritos) e *eslava*. Já a segunda leitura traz a expressão καὶ τὴν ὁδὸν οἴδατε (“*kai tên hodon oidate*”, “e o caminho sabeis”) e é atestada pelo Papiro 66 (versão original), pelos Unciais Alexandrino (A), efraimita (C, terceira correção), entre outros (D, Δ, Θ, Ψ, 0141), por um grande número de Minúsculos (f<sup>1</sup>, f<sup>3</sup>, 28, 180, 205, 565, 597, 700, 892, 1006, 1010, 1241, 1243, 1292, 1342, 1424, 1505), por alguns manuscritos da tradição bizantina (E, G, H, N), pela maioria dos lecionários, por versões antigas como a *Vetus Latina* (alguns manuscritos), *vulgata*, *siriaca* (alguns manuscritos), *copta* (alguns manuscritos), *armênia*, *etíope* (alguns manuscritos) e *georgiana*, além de Crisóstomo, Cirilo (citação de um lema), Ambrósio e Agostinho.

Os editores de “O Novo Testamento Grego” optaram pela primeira leitura a classificaram com o grau de incerteza {B}, que novamente indica um grau de incerteza relativamente baixo. Omanson analisa essa variante afirmando que a leitura mais breve (“ὅπου ἐγὼ ὑπάγω οἴδατε τὴν ὁδόν”, “*hopou egô hypagô oidate tên hodon*”, “onde eu vou sabeis o caminho”) apresenta uma sintaxe “um tanto quanto rude” e, em função disso, teria sido alterada posteriormente pelos copistas. Como em Jo 14.5 Tomé faz distinção entre “aonde” e “o caminho” na pergunta feita ao Senhor Jesus, os copistas teriam tentado melhorar o texto de 14.4 ampliando-o para ὅπου ἐγὼ ὑπάγω οἴδατε καὶ τὴν ὁδὸν οἴδατε (“*hopou egô hypagô oidate kai tên hodon oidate*”,

---

Brasil, 2010, p. 201.

“onde eu vou sabeis e o caminho sabeis”).<sup>9</sup> Metzger é da mesma opinião, embora classifique a variante com um grau incerteza maior.<sup>10</sup>

Por fim, o verso 7 apresenta as seguintes variantes:

ἐγνώκατέ με P<sup>66</sup> (Ⲛ D\* ἐμέ) 579 l 524<sup>1/2</sup> it<sup>(a), b, c, d, e, ff2, (q)</sup> arm  
 geo Irineu<sup>lat</sup>; Tertuliano<sup>1/2</sup> Novaciano Vitorino-Romano  
 Hilário Ps-Prisciliano Agostinho<sup>4/5</sup> Speculum //  
 ἐγνώκειτέ με (A omite με) B C (D<sup>1</sup> ἐμέ) L (W ἐγνώκετε) Δ  
 Θ Ψ 0141 f<sup>1</sup> f<sup>3</sup> 28 33 157 180 205 565 597 700 892 1006  
 1010 1241 1243 1292 1342 1424 1505 Biz [E G H N Q] Lec  
 it<sup>aur, f, r1</sup> vg esl Irineu<sup>latmss</sup> Marcelo (Crisóstomo) Cirilo<sup>lem</sup>  
 Teodoreto; Tertuliano<sup>1/2</sup> (Faustino) Agostinho<sup>1/5</sup> //  
 ἔγνωτέ με l 387<sup>1/2</sup>

Nesse caso, a primeira leitura do texto traz a expressão ἐγνώκατέ με (“*egnôkate me*”, “conheceis a mim”), presente no Papiro 66, nos Unciais Sinaítico () e D (com a variante ἐμέ), no Minúsculo 579, no Lecionário l 524 (uma entre duas ocorrências), em versões antigas como a *Vetus Latina* (alguns manuscritos), armênia, georgiana, além de Irineu, Tertuliano (uma entre duas ocorrências), Novaciano, Vitorino-Romano, Hilário, Pseudo-Prisciliano, Agostinho (quatro entre cinco ocorrências) e Speculum. A segunda leitura traz ἐγνώκειτέ με (“*egnôkeite me*”, “tivésseis conhecido a mim”), sendo atestada pelos Unciais Alexandrino (A, sem με), Vaticano (B), efraimita (C), D (primeira revisão, com ἐμέ), L, W (com ἐγνώκετε) entre outros (Δ, Θ, Ψ, 0141), por vários Minúsculos (f<sup>1</sup>, f<sup>3</sup>, 28, 33, 157, 180, 205, 565, 597, 700, 892, 1006, 1010, 1241, 1243, 1292, 1342, 1424, 1505), pelos manuscritos da tradição bizantina (E, G, H, N, Q), pela maioria dos lecionários, por versões antigas como a *Vetus Latina* (alguns manuscritos), vulgata, eslava, além de Irineu, Marcelo (citado por Crisóstomo), Cirilo, Teodoreto, Tertuliano (uma entre duas ocorrências, citado por Faustino) e Agostinho (uma entre cinco ocorrências). A terceira leitura apresenta ἔγνωτέ με (*egnôte me*) e está presente apenas no Lecionário l 387 (em uma entre duas ocorrências). Novamente, os editores de “O Novo Testamento Grego” optaram pela primeira leitura. Contudo, aqui classificaram a variante com o grau de incerteza maior {C}.

O surgimento de tais leituras possivelmente se deve à interpretação das palavras de Jesus como sendo em tom de censura: “Se me tivésseis conhecido

<sup>9</sup> OMANSON, 2010, p. 201.

<sup>10</sup> METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. London: United Biblical Societies, 1971, p. 243.

[o que não é o caso], conheceríeis também o meu Pai [o que também não é o caso]”. Omanson explica que essa construção, que indica uma condição irreal ou contrária aos fatos, pode ter surgido pelo fato de os copistas terem lembrado das palavras com as quais Jesus censurou os judeus descrentes em Jo 8.19, ou porque a pergunta de Filipe em Jo 14.8 e a resposta de Jesus davam a entender que os discípulos não conheciam a Jesus nem ao Pai. Nesse caso, optou-se por seguir a leitura recomendada pelos editores de “O Novo Testamento Grego” com ἐγνώκατε με.<sup>11</sup>

## 1.4 TRADUÇÃO

O texto de João 14.1-7, conforme a quarta edição de “O Novo Testamento Grego”, encontra-se transcrito a seguir:<sup>12</sup>

<sup>14.1</sup> Μὴ ταρασσέσθω ὑμῶν ἡ καρδία· πιστεύετε εἰς τὸν Θεὸν καὶ εἰς ἐμὲ πιστεύετε.

<sup>2</sup> ἐν τῇ οἰκίᾳ τοῦ πατρὸς μου μοναὶ πολλαὶ εἰσιν· εἰ δὲ μή, εἶπον ἂν ὑμῖν ὅτι πορεύομαι ἑτοιμάσαι τόπον ὑμῖν;

<sup>3</sup> καὶ ἐὰν πορευθῶ καὶ ἑτοιμάσω τόπον ὑμῖν, πάλιν ἔρχομαι καὶ παραλήμφομαι ὑμᾶς πρὸς ἑμαυτὸν, ἵνα ὅπου εἰμι ἐγὼ καὶ ὑμεῖς ἦτε.

<sup>4</sup> καὶ ὅπου [ἐγὼ] ὑπάγω οἴδατε τὴν ὁδόν.

<sup>5</sup> Λέγει αὐτῷ Θωμᾶς, Κύριε, οὐκ οἶδαμεν ποῦ ὑπάγεις· πῶς δυνάμεθα τὴν ὁδὸν εἶδέναι;

<sup>6</sup> λέγει αὐτῷ [ὁ] Ἰησοῦς, Ἐγὼ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ· οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι’ ἐμοῦ.

<sup>7</sup> εἰ ἐγνώκατέ με, καὶ τὸν πατέρα μου γνῶ

<sup>11</sup> OMANSON, 2010, p. 201-202.

<sup>12</sup> As análises léxicas para a tradução do texto foram realizadas, mas não foram incluídas no documento devido à limitação de espaço.



σεσθε. καὶ ἀπ’ ἄρτι γινώσκετε αὐτὸν καὶ ἑωράκατε αὐτόν.

**Tradução:**<sup>13</sup> <sup>1</sup> Não seja perturbado o vosso coração, crede em Deus e em mim crede. <sup>2</sup> Na casa do meu Pai há muitas moradas. Porém, se não (fosse), (eu) teria dito a vós que vou preparar lugar a vós? <sup>3</sup> E se (eu) for e preparar lugar a vós, outra vez venho e vos tomarei para mim, para que onde eu estou, também vós estejais. <sup>4</sup> E (para) onde eu vou, (vós) sabeis o caminho. <sup>5</sup> Tomé diz a ele: “Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos saber o caminho?” <sup>6</sup> Jesus diz a ele: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim. <sup>7</sup> Se (vós) conheceis a mim, também ao meu Pai conhecereis. E desde agora (vós) conheceis a Ele e vedes a Ele”.

## 2. O CONTEXTO

Na sequência, será feita a análise do contexto histórico e cultural do Evangelho de João, bem como a análise do contexto literário do trecho de 14.1-7. Ambas têm o objetivo de permitir uma melhor compreensão da passagem que está sendo estudada.

### 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

O discurso de Jesus aconteceu quando ele se encontrava reunido com seus discípulos para a celebração da ceia pascal. Aquela seria sua última refeição juntos e, portanto, tratava-se de uma ocasião muito especial. Em Jo 13.1, lê-se que o episódio aconteceu “um pouco antes da festa da Páscoa”. A festa à qual o autor se refere é possivelmente a mesma citada pelos demais evangelistas (Mt 26.17-18; Mc 14.12; Lc 22.7-8) e acontecia no primeiro dia da festa dos pães sem fermento, no dia 14 do mês de Nisã. Daniel-Rops explica que:

Nos dias de Cristo, a Páscoa era celebrada no dia quatorze de Nisan, que correspondia à lua cheia do equinócio de inverno: a data era fixa, portanto, diferindo da Páscoa cristã, pois os meses judaicos eram lunares. As cerimônias duravam cerca de uma semana, mas as mais importantes tinham lugar no primeiro e segundo dias (...) os cordeiros eram levados aos sacrificadores na entrada do pátio dos

<sup>13</sup> Em vez de uma tradução no português mais fluente, optou-se por manter uma tradução que mais se aproxime do texto original, com o objetivo de facilitar a identificação das características inerentes ao texto grego.

sacerdotes. Feito o sacrifício, “o cordeiro sacrificado era levado por seus doadores a fim de ser comido na refeição ritual, que tinha lugar no cômodo superior da casa (cenáculo)”.<sup>14</sup>

A Páscoa era uma festa de grande importância para os judeus e cuja origem estava ligada à história do povo de Israel, tendo se estendido à era cristã, na qual veio a “constituir as bases do culto na igreja primitiva”. Tratava-se de uma festa “alegre e solene ao mesmo tempo”, celebrada por todos, mas cada um em sua própria casa. Sabe-se que Jesus e seus discípulos celebraram a Páscoa em um cenáculo (“ἀνάγαιον μέγα”, “*anagaion mega*”) na casa de um homem de Jerusalém, possivelmente também discípulo de Jesus. Essa informação encontra-se relatada pelos evangelistas em Mt 26.17-19, Mc 14.12-16 e Lc 22.7-13.<sup>15</sup>

Há certa controvérsia entre os estudiosos quanto ao dia exato em que a festa teria acontecido. Isso porque em Jo 13.29, lê-se que no momento em que Judas retirou-se para trair Jesus, os demais discípulos pensaram que Jesus havia lhe dito que “comprasse algo necessário para a festa”. Outro texto que suscita dúvida entre os estudiosos é o de João 18.28, pois relata os acontecimentos do dia em que Jesus foi morto (possivelmente sexta-feira) e diz: “Já estava amanhecendo e, para evitar contaminação cerimonial, os judeus não entraram no Pretório; pois queriam participar da Páscoa”. Ora, se Jesus já havia celebrado a Páscoa com seus discípulos, por que razão os judeus ainda não o teriam feito?

Essa aparente dificuldade pode ser explicada pela diferença na forma como os autores dos Evangelhos marcavam os dias. Segundo Robert Thomas e Stanley Gundry, os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas utilizariam o sistema no qual o dia inicia com o nascer do sol, enquanto João utilizaria o sistema tradicional judaico no qual o dia começa com o pôr do sol. Assim, na perspectiva dos autores sinóticos, o dia 14 de Nisã teria iniciado ao nascer do sol da quinta-feira e iria até o nascer do sol da sexta-feira, enquanto na perspectiva de João (e também para os judeus citados em Jo 18.28), o dia teria iniciado com o pôr-do-sol de quinta-feira e iria até o pôr-do-sol de sexta-

<sup>14</sup> DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 229-230.

<sup>15</sup> COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991, p. 263-264.

feira.<sup>16</sup>

Embora se reconheça que a explicação anterior não seja totalmente conclusiva, sabe-se que Jesus foi de fato imolado como Cordeiro Pascal (conforme I Co 5.7). Coleman lembra que há pontos nos quais o sacrifício de Jesus é análogo ao do cordeiro da Páscoa. Um dos pontos mais notórios é que seus ossos não foram quebrados (Êx 12.46; Nm 9.12; Sl 35.20; Jo 19.36). Para o autor é um fato incontestável que Jesus morreu pelos pecados do mundo, pois desde o início do seu ministério ele havia sido apresentado como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.36). Jesus cumpriu isso ao ser crucificado e oferecido em oblação.<sup>17</sup>

## 2.2 CONTEXTO LITERÁRIO

Carson destaca o desafio de se pregar a partir de um evangelho, pois se está pregando a partir de uma narrativa. Embora a exegese gramatical e lexicográfica seja de grande importância, é necessário não apenas dar atenção à narrativa do Evangelho como um todo, mas também a cada narrativa dentro dele. Isso porque há uma relação entre o significado das diferentes passagens.<sup>18</sup>

É esta relação entre as diferentes passagens que torna o esboço do livro tão importante. Embora diferentes autores possam traçar um esboço sintético do Evangelho de João com maior ou menor grau de diferença, seguiu-se aqui a estrutura apresentada por Carlos Osvaldo Pinto, que divide o livro basicamente nas seguintes partes:<sup>19</sup>

- a. Prólogo (1.1 a 1.18)
- b. Apresentação do Filho de Deus (1.19 a 1.51)
- c. Ministério público do Filho de Deus (2.1 a 12.50)
- d. Ministério particular do Filho de Deus (13.1 a 17.26)
- e. A Paixão do Filho de Deus (18.1 a 20.31)
- f. Epílogo (21.1 a 21.25)

Portanto, a passagem em estudo encontra-se dentro do “ministério particular do Filho de Deus”, quando Jesus ministrava a seus discípulos,

<sup>16</sup> THOMAS, Robert; GUNDRY, Stanley. **Harmonia dos Evangelhos**: nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2004, p. 289-290.

<sup>17</sup> COLEMAN, 1991, p. 266.

<sup>18</sup> CARSON, D. A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007, p. 101.

<sup>19</sup> PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 169-177.

momentos antes de sua paixão. O discurso, também chamado de “o discurso de despedida”, é relatado apenas no Evangelho de João. Bruce faz uma afirmação que pode ajudar a elucidar as razões pelas quais as ênfases do Evangelho de João são tão diferentes daquelas apresentadas pelos escritores sinóticos.

João conferiu a máxima importância à verdade eterna, que ele identificou com a auto-manifestação divina, o Verbo que existia no princípio com Deus. Mas ele insistiu em que a verdade eterna foi revelada de maneira singular no tempo e no espaço (...) quando o Verbo apareceu na terra na vida humana de Jesus de Nazaré.<sup>20</sup>

De fato, o entendimento adequado do texto joanino está ligado à compreensão de seu propósito. João anuncia esse propósito claramente em 20.30-31, no qual se lê: “Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais milagrosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome”.<sup>21</sup> Itamir Neves de Souza afirma que o conflito entre a fé e a incredulidade é um tema constante no Evangelho de João e que essa seria a razão por que o autor deixou tão claro seu propósito: “para que vocês creiam”.<sup>22</sup>

Também Bruce concorda quanto à importância de Jo 20.30-31 para a compreensão do propósito do Evangelho joanino. Ele escreve:

O objetivo do evangelho está expresso em Jo 20.30s: é levar os leitores a crer, ou fortalecer-los na fé. A fé inclui tanto crer em como crer que; crer em Jesus é destacado como o estilo de vida em todo o evangelho, mas crer nele subentende crer em certas coisas sobre ele – que ele é “o Cristo, o Filho de Deus”. Não são duas designações diferentes; para João, crer que Jesus é o Messias significa crer que ele é o Filho de Deus (isto também vale para os outros evangelistas).<sup>23</sup>

Carlos Osvaldo Pinto vai além e destaca ainda que o propósito do Evangelho não é puramente soteriológico, nem didático, mas que também inclui o propósito doxológico. Segundo ele, isso pode ser observado a partir do prólogo, especialmente em João 1.14: “Aquele que é a Palavra tornou-se

<sup>20</sup>BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 24.

<sup>21</sup>PINTO, 2008, p. 155.

<sup>22</sup>SOUZA, Itamir Neves de. **Comentário bíblico de João**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012, p. 9.

<sup>23</sup>BRUCE, 1997, p. 24.

carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade”.<sup>24</sup> Donald Guthrie também percebe como o prólogo do Evangelho demonstra a intenção do autor de retratar a natureza divina de Jesus. Ele escreve:

Talvez a maior característica no evangelho de João a respeito da Pessoa de Cristo seja a doutrina do Logos que serve como uma introdução ao Evangelho. Independente de qual seja o pano de fundo do prólogo (...) é evidente que o Jesus a ser apresentado no corpo do evangelho é primeiramente retratado não apenas como pré-existente, mas também como possuidor da natureza do próprio Deus.<sup>25</sup>

Portanto, percebe-se que o evangelista escreveu com dois intentos principais: a) demonstrar que Jesus é, de fato, o eterno filho de Deus e que a vida eterna é alcançada através da fé nele; e b) demonstrar como Jesus manifestou sua glória como unigênito vindo do Pai.

### 3. ANÁLISE DO TEXTO

Carson, ao analisar o texto do capítulo 14 de João, inicia seu estudo apontando para o momento de tensão no qual Jesus e seus discípulos se encontram. O mestre mostra-se perturbado no coração (Jo 12.27) e no espírito (Jo 13.21) e isso é natural, tendo em vista que ele em breve enfrentará a morte. Seus discípulos, aqueles que poderiam ajudá-lo nesse momento tão crucial, também se encontram perturbados diante das incertezas e das afirmações feitas por ele.<sup>26</sup> As palavras “não se turbe o vosso coração”, presentes em 14.1, foram proferidas logo após Jesus ter afirmado que um de seus discípulos o trairia, que outro o negaria, e que eles não poderiam acompanhá-lo.<sup>27</sup>

Jesus usou de uma metonímia ao dizer aos discípulos μή ταρασσήσθω ἱμῶν ἢ καρδία (“*mê tarassesthô himon ê kardia*”, “não seja perturbado o vosso coração”). A metonímia caracteriza-se pelo uso de um objeto no lugar

<sup>24</sup> PINTO, 2008, p. 155-156.

<sup>25</sup> GUTHRIE, Donald. **New Testament Introduction**. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1970, p. 241. “*Perhaps the most characteristic feature in John’s Gospel regarding the Person of Christ is the Logos doctrine with serves as an introduction to this Gospel. Whatever the background of the Prologue (...), it is evident that the Jesus to be presented in the body of the Gospel is first portrayed not only as pre-existent but as possessing the nature of God Himself.*”

<sup>26</sup> CARSON, 2007, p. 487.

<sup>27</sup> SOUZA, 2012, p. 249.

de outro semelhante, ou a ele relacionado.<sup>28</sup> No caso, Jesus utilizou a palavra καρδιά (*kardia*, coração) representando a origem dos sentimentos humanos. Esse uso não era incomum, pois, no grego secular, καρδιά era empregado tanto no sentido literal quanto no metafórico. Indicava o “coração” como órgão do corpo e centro da vida física, mas também era considerado como “sede das emoções e fonte da vida espiritual em geral”.<sup>29</sup> No NT, o termo ocorre com pouca frequência como “centro da vida física e da constituição psicológica do homem”, denotando mais frequentemente “a sede da vida intelectual e espiritual, ou a vida interior, em contraste com as aparências externas”. A aproximação de kardi/a com o conceito de “mente” é um aspecto marcante do NT e “o coração e a mente, por vezes, podem ser empregados, como paralelos, ou como sinônimos”.<sup>30</sup>

Jesus também indica a seus seguidores como eles devem acalmar seus corações. Ele afirma: “πιστεύετε εἰς τὸν Θεὸν καὶ εἰς ἐμὲ πιστεύετε” (“*pisteuete eis ton theon kai eis eme pisteuete*”, “crede em Deus e em mim crede”). O verbo πιστεύετε (“*pisteuete*”, “crede”), utilizado duas vezes no versículo, pode ser traduzido no modo indicativo ou imperativo. Entre as combinações para uma possível tradução, há três que são mais comumente utilizadas: a) indicativo/indicativo, “[vós] credes em Deus e credes em mim”; b) indicativo/imperativo, “[vós] credes em Deus, crede também em mim”; ou; c) imperativo/imperativo, “crede em Deus e crede em mim”.<sup>31</sup>

Em virtude do contexto no qual Jesus e os discípulos se encontravam, a primeira opção, entre as que foram citadas, parece ser a menos adequada. William Taylor acredita que a melhor tradução da segunda ocorrência do verbo seja no imperativo, embora não apresente a mesma certeza com relação à primeira ocorrência. Seu argumento baseia-se justamente no contexto, que indica que Jesus realmente deseja que seus discípulos creiam nele.<sup>32</sup> Roger Omanson apresenta uma outra possibilidade ao destacar que a edição de Wescott e Hort traz uma nota marginal sugerindo uma pontuação alternativa na frase, com uma vírgula após o primeiro verbo. A tradução resultante

<sup>28</sup> ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica:** meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 176.

<sup>29</sup> SORG. Coração. In: BROWN; COENEN, 2000, p. 224.

<sup>30</sup> SORG. Coração. In: BROWN; COENEN, 2000, p. 426.

<sup>31</sup> CARSON, 2007, p. 488.

<sup>32</sup> TAYLOR, 1957, p. 458.

seria: “Credes. Em Deus e em mim crede”.<sup>33</sup> Entretanto, tal posição carece de sustentação.

Na opinião de Carson, a última opção, com ambos os verbos no imperativo, seria a melhor. Segundo ele, essa também é a opção utilizada na maioria das traduções para o latim.<sup>34</sup> Bruce, mesmo reconhecendo a possibilidade de tradução do verbo πιστεύετε no modo indicativo, também acredita ser mais provável que Jesus esteja dando aos discípulos uma orientação para serem, sendo, portanto, mais adequada a tradução no imperativo.<sup>35</sup>

Ainda com relação ao verbo πιστεύετε em 14.1, Darrell Bock também reconhece a dificuldade proveniente da dupla possibilidade do modo verbal. Ele afirma que “é difícil ter certeza de qual seja o sentido pretendido”. Mesmo assim, opta pela forma no imperativo e justifica sua escolha com as seguintes palavras: “Dado que Jesus agora exorta e reassegura um perturbado e inseguro grupo de discípulos, é um pouco mais provável que os imperativos estejam em vista, quando ele os exorta a ficar no caminho certo”. Bock também destaca a relação clara que Jesus faz entre a fé nele e a fé em Deus: “Ter fé em Deus deve implicar ter fé em Jesus por causa de quem este foi enviado para ser, e o que o enviado faz”.<sup>36</sup>

Independentemente da forma como as ocorrências do verbo πιστεύετε em 14.1 são tratadas, fica claro que o texto apresenta uma cristologia bastante elevada, pois é evidente a relação entre Deus e Jesus presente na afirmação. Cabe ainda destacar que a própria construção da expressão no grego assemelha-se a um quiasmo, no qual a fé em Deus e a fé em Jesus encontram-se em paralelo, como pode ser visto a seguir:<sup>37</sup>

A	πιστεύετε
B	εἰς τὸν Θεὸν
C	καὶ
B'	εἰς ἐμὲ
A'	πιστεύετε

<sup>33</sup> OMANSON, 2010, p. 200-201.

<sup>34</sup> CARSON, 2007, p. 488.

<sup>35</sup> BRUCE, 1997, p. 255.

<sup>36</sup> BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**: introdução e comentário aos evangelhos. São Paulo: Shedd, 2006, p. 473.

<sup>37</sup> CARSON, 2007, p. 488.

Sobre esta relação entre a fé em Deus e a fé em Jesus, Werner de Boor afirma que a primeira não pode ser separada da segunda. Essa é a razão pela qual Jesus acrescenta de imediato “e crede também em mim”. Segundo o autor, essa orientação baseia-se no fato de que os discípulos “estiveram ouvindo a palavra de Jesus, viram seus feitos e, por fim, sua vitória sobre a morte na sepultura de Lázaro”.<sup>38</sup>

Na sequência de seu discurso, Jesus fala a seus discípulos a respeito das muitas *μοναὶ* (“*monai*”) existentes na casa de seu Pai. O termo *μονή* (“*monê*”) significa literalmente “habitação”, embora também possa ser traduzido como “morada”. Ele também é utilizado em 14.23 (“nós viremos a ele e faremos morada nele”), referindo-se ao fato de que Jesus e o Pai habitariam, pelo Espírito, naquele que o amasse e obedecesse à sua palavra. Segundo Carson, a melhor explicação para a expressão “casa de meu Pai” refere-se ao Céu, onde há muitos “apostos” ou “habitações”. A ideia aqui é que “foi feita uma provisão tão ampla que não há mais que o espaço necessário para todos os discípulos de Jesus se juntarem a ele na casa de seu Pai”.<sup>39</sup>

Quanto à tradução da palavra “moradas”, Taylor destaca que “a palavra vertida por morada é a mesma raiz do verbo permanecer. Poderia significar uma permanência breve, mas a ideia de permanecer está implícita na raiz”.<sup>40</sup> Bruce também trata quanto ao uso do substantivo *μονή*. Ele explica que o termo tem um sentido de “um lugar para ficar” e defende que, quando há diversos lugares em uma casa, “quartos” também poderia ser uma tradução adequada. Obviamente, ao falar sobre a “casa do Pai”, Jesus não está se referindo ao Templo, mas sim ao “lar celestial para onde Jesus está indo e onde sua gente também tem um lugar prometido”.<sup>41</sup>

É possível relacionar as palavras de Jesus com a afirmação feita por ele naquela mesma semana e que se encontra relatada em Jo 12.26: “Onde estou, o meu servo também estará”. É possível que Jesus esteja lembrando os discípulos da afirmação que já lhes havia feito.<sup>42</sup> Nesse momento, Jesus estaria apenas ampliando essa promessa ao afirmar que levaria pessoalmente seus

<sup>38</sup> BOOR, Werner de. **Comentário Esperança: Evangelho de João**. Curitiba: Esperança, 2008, p. 331.

<sup>39</sup> CARSON, 2007, p. 489-490.

<sup>40</sup> TAYLOR, 1957, p. 460.

<sup>41</sup> BRUCE, 1997, p. 255.

<sup>42</sup> Isso também faz com que a tradução da segunda parte de Jo 14.2 como uma pergunta retórica faça ainda mais sentido.



discípulos para lá.<sup>43</sup> A obra de Jesus abriria caminho para a vida interminável dos discípulos com Deus e para a sua permanente residência com ele.<sup>44</sup>

Em 14.2 há uma dificuldade relacionada com a ausência do termo ὅτι (*hoti*) em determinados manuscritos. Na opinião de Omandson, tal ausência deve-se a uma possível simplificação feita por copistas que interpretaram o termo como sendo um marcador de discurso direto e acabaram por omiti-lo.<sup>45</sup> Entretanto, os editores de “O Novo Testamento Grego” julgam mais provável que o termo estivesse presente no original e, portanto, o mantêm, embora com certo grau de incerteza.<sup>46</sup>

Isso traz algumas implicações para a tradução da sentença, pois, também, é possível que ὅτι signifique “porque” ou “pois” e esteja relacionado com a primeira parte do verso 2. Nesse caso, a tradução poderia ser: “Na casa de meu Pai há muitas moradas (se não fosse assim eu teria dito a vós), pois vou preparar lugar a vós”. Uma segunda opção seria traduzir ὅτι como “que”, fazendo com que a segunda parte do versículo torne-se uma pergunta: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu teria dito que vou preparar lugar a vós?” Na opinião de Carson, essa última expressão seria a “menos criticável”, entendendo-se que João omitiu em seu relato o momento em que Jesus teria afirmado aos discípulos que iria lhes preparar um lugar.<sup>47</sup> No texto tal afirmação seria feita apenas indiretamente, através da pergunta retórica.<sup>48</sup>

O versículo 3 apresenta seis verbos. Os dois primeiros verbos (πορευθῶ, “*poreuthô*”, e ἐτοιμάσω, “*hetoimasô*”) estão conjugados no aoristo do subjuntivo, precedidos por ἐάν (“*ean*”), o que caracteriza uma sentença condicional. Possivelmente trata-se de uma condicional de terceira classe, indicando o futuro mais provável.<sup>49</sup> A constatação deve-se ao uso de ἐάν em conjunto com os verbos no subjuntivo na prótase e do verbo no presente do indicativo (ἔρχομαι, “*erchomai*”) na apódase. Aqui Jesus está dizendo que sua

<sup>43</sup> BRUCE, 1997, p. 255.

<sup>44</sup> BOCK, 2006, p. 474.

<sup>45</sup> OMANSON, 2010, p. 201.

<sup>46</sup> ALAND, 2012, p. 323. A variante está classificada como {B} em “O Novo Testamento Grego”.

<sup>47</sup> CARSON, 2007, p. 490.

<sup>48</sup> Uma pergunta retórica não exige necessariamente uma resposta, mas tem o propósito de forçar o leitor a respondê-la mentalmente, avaliando suas implicações (ZUCK, 1994, p. 170).

<sup>49</sup> WALLACE, Daniel B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009.

ida e a preparação do lugar para os discípulos são necessárias para que ele volte e os leve para junto de si. Esse acontecimento é o futuro provável pelo qual eles devem esperar. Depois disso, os discípulos estarão novamente com o mestre. É possível que haja o uso de um pleonasm<sup>50</sup> na expressão παραλήμψομαι ὑμᾶς πρὸς ἑμαυτὸν (“paralêmpsomai hymas pros emauton”). Isso porque o verbo παραλαμβάνω (“paralambanô”) já traz, em si, o significado de “tomar consigo”, ou “receber para si”.<sup>51</sup> Portanto, Jesus estaria, com a expressão, reforçando a ideia de que tomaria os discípulos para junto de si.

Com relação ao versículo 4, há variantes do texto nos manuscritos disponíveis, conforme já demonstrou a crítica textual. Cabe destacar que alguns manuscritos trazem uma leitura mais longa, o que deixaria a transição mais suave para o verso 5. Entretanto, os editores de “O Novo Testamento Grego” optaram pela leitura mais curta, classificando o grau de incerteza como {B}.<sup>52</sup> Tal leitura mantém o mesmo significado, ainda que seja um pouco mais rudimentar.<sup>53</sup> O que Jesus está afirmando aqui é que os discípulos já conheciam (οἶδατε, “oidate”, perfeito do indicativo) o caminho para onde ele iria (ὑπάγω, “hypagô”, presente do indicativo).

Ainda que no versículo 4 Jesus estivesse afirmando aos discípulos que eles já conheciam o caminho para onde iria, o versículo seguinte mostra que, em algum aspecto, eles não sabiam exatamente a que Jesus estava se referindo.<sup>54</sup> Na verdade, o mestre estava antecipando a informação de grande importância que seria dada no verso 6 de que Ele próprio é o caminho para o Pai, pois os discípulos já o conheciam e, portanto, já conheciam o Pai (ainda que não tivessem consciência disso).

No versículo 5 o apóstolo Tomé questiona Jesus quanto ao destino para o qual ele estaria indo. O apóstolo parece não ter percebido que Jesus havia pouco lhes falara claramente sobre o destino, as moradas na casa do Pai (14.1).<sup>55</sup> Essa pergunta do apóstolo abriu caminho para a importante afirmação que seria feita por Jesus. O mestre responde declarando que ele mesmo é o caminho, a verdade e a vida (“ἐγὼ εἶμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή”,

<sup>50</sup> Uma definição de pleonasm<sup>o</sup> é apresentada por Zuck (1994, p. 186).

<sup>51</sup> MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 464.

<sup>52</sup> ALAND, 2012, p. 323.

<sup>53</sup> OMANSON, 2010, p. 201.

<sup>54</sup> CARSON, 2007, p. 490.

<sup>55</sup> CARSON, 2007, p. 491.

“*egô eimi hê hodos kai hê alêtheia kai hê zôê*”). Como se isso não bastasse, Jesus afirma categoricamente que ninguém vai ao Pai a não ser através dele (“*οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι’ ἐμοῦ*”, “*oudeis erchetai pros ton patera ei mê di emou*”).

No versículo 6 Jesus faz novamente o uso da expressão *ἐγὼ εἰμι* (“*egô eimi*”). A expressão está claramente relacionada com a forma como Deus identificou-se a Moisés no AT (Ex 3.14) e, conforme o relato joanino, é usada por Jesus pelo menos sete vezes. Isso pode ser visto nos seguintes textos: a) Jo 6.35, “eu sou o pão da vida”; b) Jo 8.12, “eu sou a luz do mundo”; c) Jo 10.7, 9, “eu sou a porta das ovelhas”; d) Jo 10.11, 14, “eu sou o bom pastor”; e) Jo 11.25, “eu sou a ressurreição e a vida”; f) Jo 14.6, “eu sou o caminho, a verdade e a vida”; e g) Jo 15.1, “eu sou a videira verdadeira”.<sup>56</sup>

Possivelmente na mesma semana, os judeus haviam admitido que Jesus ensinava o caminho de Deus (Mt 22.16, Mc 12.14, Lc 20.21). Contudo, eles não haviam percebido que Jesus não apenas ensinava o caminho, mas era o próprio caminho.<sup>57</sup> Coleman explica como o conceito de “caminho” foi, a partir da afirmação de Jesus, incorporado à fé cristã. Ele escreve:

O conceito de estrada foi incorporado à doutrina cristã metaforicamente. Muitas chamavam essa nova fé de “o caminho”, seguindo a afirmação de Cristo de que ele era “o caminho” (Jo 14.6). E o termo é encontrado diversas vezes no livro de Atos com esse sentido (19.9, 23; 22.4; 24.14, 22; e também 16.7 e 18.25). Parece que os cristãos primitivos entendiam a vida como uma jornada, e Jesus como o caminho pelo qual se viajava neste mundo.<sup>58</sup>

Ao centralizar a resposta em si mesmo, Jesus mostra que não é necessário saber para onde ele vai, tampouco o caminho no sentido de uma fórmula que possibilite a obtenção da salvação (como no gnosticismo e religiões helenísticas de mistério). Conforme Michaels, “o necessário é apenas que se conheça a Jesus mediante fé pessoal, e nele confiar como o único que pode conduzir o discípulo sedento ao Pai”.<sup>59</sup>

Pode-se observar que todo o versículo 6 está ligado à pergunta feita por

<sup>56</sup> MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 262-263.

<sup>57</sup> SOUZA, 2012, p. 252.

<sup>58</sup> COLEMAN, 1991, p. 233.

<sup>59</sup> MICHAELS, J. Ramsey. **João: novo comentário bíblico contemporâneo**. São Paulo: Vida, 1994. p. 267.

Tomé. Assim, na resposta de Jesus, “o caminho” é mais enfatizado que “a verdade” e “a vida”, pois responde diretamente à pergunta feita pelo discípulo. Carson defende que aqui há a presença de um semitismo no qual o primeiro substantivo rege os demais e, portanto, uma possível tradução seria: “Eu sou o caminho da verdade e vida”, ou conseqüentemente “Eu sou o caminho verdadeiro e vivo”.<sup>60</sup> Entretanto, tal interpretação baseada em um semitismo pode ser questionada. Pois, se essa fosse a intenção do autor, a ideia poderia ser expressa de maneira mais clara no grego *koinê*.

Bruce, por exemplo, discorda da opinião de Carson com relação à influência semítica. Embora reconheça que tal sugestão é atraente, ele advoga que essa não era a maneira como o evangelista compreendia as palavras. Em sua opinião, a melhor maneira de entender a expressão seria: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida”. Isso significa que “Jesus não é somente o caminho até Deus; ele é a verdade de Deus (...) e ele é a vida de Deus”, ou seja, “o verdadeiro Deus e a vida eterna (I Jo 5.20)”.<sup>61</sup>

Embora não defenda necessariamente um semitismo na afirmação de Jesus, Bock mostra como os substantivos “caminho”, “verdade” e “vida” estão relacionados e também demonstram o caráter divino de Jesus. Ele escreve:

A estrada na qual Jesus viaja não tem que ver com localização; mas diz respeito ao prover aos indivíduos acesso a Deus. Não é tão importante saber a estrada que Jesus toma para que se possa segui-lo. O que é importante é saber que Jesus é o caminho para Deus. É por isso que ele pode se descrever como a verdade e a vida. Essas duas descrições elaboram sobre Jesus como o caminho. Ao chamar-se de a verdade, Jesus revela o caminho para Deus. Ele é a palavra encarnada (Jo 1.4, 14; 3.15; 5.26; 11.25). Chamar a si mesmo de “a vida” é atribuir a si mesmo uma função como provedor e sustentador de vida que, na realidade, é prerrogativa de Deus. Mais uma vez, o caráter de sobreposição da obra de Jesus com os atributos de Deus é afirmada. Nenhum texto nas Escrituras é mais claro que esse em afirmar que o acesso a Deus é dado somente por intermédio de Cristo. Ninguém chega ao Pai exceto por intermédio de Jesus.<sup>62</sup>

Independentemente da maneira como a sintaxe da frase é entendida, fica

<sup>60</sup> CARSON, 2007, p. 461.

<sup>61</sup> BRUCE, 1997, p. 256-257.

<sup>62</sup> BOCK, 2006, p. 474.

muito claro o caráter exclusivista da passagem. Carson defende que, com base na revelação de Jesus, “torna-se totalmente inadequado reivindicar que alguém conheça a Deus, na base da revelação antecedente de épocas passadas, enquanto rejeita Jesus Cristo”. Na opinião do autor:

O teste para saber se os judeus nos dias de Jesus, e nos dias de João, realmente conheciam ou não a Deus através da revelação que já havia ocorrido, encontra-se em sua resposta à suprema revelação do Pai, o próprio Jesus Cristo, para quem as Escrituras, corretamente entendidas, apontavam invariavelmente.<sup>63</sup>

Carson vai um pouco além e mostra que a revelação de Jesus não se compara às religiões do mundo, pois estas não são eficazes para levar as pessoas ao verdadeiro Deus. Para ele, “esta é a atitude necessária presente em todo o evangelismo fervoroso”.<sup>64</sup> Boor afirma que o conhecimento de Deus é suficiente para tornar o ser humano responsável por suas culpas e pecados, mas que é apenas através de Jesus Cristo que essa barreira pode ser superada e o relacionamento do ser humano com Deus reestabelecido. Ele escreve:

Conhecimento sobre Deus, um verdadeiro saber que nos torna responsáveis, existe também independente de Jesus. Contudo esse saber nos leva ao abismo de nosso pecado original, ao qual segue toda a nossa existência pecaminosa no abandono de Deus (...) Como chegaremos ao “Pai” sendo tão ímpios, pecadores, inimigos (Rm 5.5-10)! Unicamente Jesus é “o caminho”, porque só ele é “a propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 2.2). Em consequência, por meio de seu sofrimento, morrer e ressurgir, Jesus nos leva de volta ao Pai e nisso é pessoalmente “o caminho”. Por essa razão ele é ao mesmo tempo “a verdade”. Ele não ensina “verdades”, como fazem muitas religiões e visões de mundo, sobre Deus e sobre nós. Também no presente caso a “verdade” está no singular e com artigo definido, tendo o sentido de “realidade verdadeira”. Em Jesus encontramos a realidade do Deus vivo. Por isso somente ele é “a vida”, a qual ele não apenas nos mostra ou transmite, mas a qual temos “nele em pessoa” (1Jo 5.12,20). Nessa breve palavra de Jesus o evangelho se mostra a nós com toda a sua peculiaridade e glória.<sup>65</sup>

<sup>63</sup> CARSON, 2007, p. 492.

<sup>64</sup> CARSON, 2007, p. 492.

<sup>65</sup> BOOR, 2008, p. 333.

Portanto, ainda que esta exclusividade na afirmação de Jesus seja chocante, ela encontra-se na essência da mensagem do Evangelho. Deve-se lembrar que quem faz essa afirmação é “o próprio Verbo encarnado, o revelador do Pai”. Por isso, pode-se afirmar que “este é, realmente, o único caminho através do qual alguém pode chegar ao Pai; não existe outro”.<sup>66</sup> Quanto àqueles que se dispõem a seguir a Jesus, “logo que aceitam o caminho, aceitam a verdade a vida. Logo que começam a seguir o caminho, começam a conhecer a verdade e a participar da vida”.<sup>67</sup>

O último verso a ser analisado é o verso 7. Seu significado também depende de uma variante textual. Aqui, os editores de “O Novo Testamento Grego” optam pela leitura ἐγνώκατέ με (“*egnôkate me*”, perfeito do indicativo) em detrimento de ἐγνώκετέ με (“*egnôkeite me*”, mais que perfeito do indicativo), classificando o grau de incerteza como {C}.<sup>68</sup> Segundo Carson, uma possibilidade muito forte de tradução seria: “Se vocês me tem conhecido, conhecerão também o meu Pai”.<sup>69</sup>

A expressão condicional do versículo, segundo Bock, representa um problema textual difícil. Isso, porque εἰ (“ei”) pode representar uma condição contrária, ou favorável ao fato. No caso de uma condição contrária, o significado seria: “Se vós tivésseis conhecido a mim [mas vós não me conhecestes]”. O outro caso seria: “Se vós tivésseis conhecido a mim [e vós me conhecestes]”. Ele destaca que “esta leitura de reafirmação da passagem encontra sustentação em alguns manuscritos importantes (P<sup>66</sup>, Ⳑ, D) e parece mais adequada ao contexto da passagem”.<sup>70</sup>

Contudo, para que o verbo possa ser traduzido pelo pretérito imperfeito do subjuntivo no português (“se vós tivésseis conhecido”), teria que se tratar de uma condicional de segunda classe, cujo verbo da prótase estivesse no imperfeito do indicativo, o que claramente não é o caso, pois o verbo grego encontra-se no perfeito do indicativo.<sup>71</sup> Portanto, entende-se que a melhor

<sup>66</sup> BRUCE, 1997, p. 256.

<sup>67</sup> GOULD, E. P.; HOVEY, Alvah (Eds.). **Comentário expositivo sobre el Nuevo Testamento: 1 Coríntios – 2 Tesalonicenses**. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1973, p. 349. “*Luego que aceptan el camino, aceptan la verdad y la vida. Luego que comienzan a seguir el camino, coenzan a conocer la verdad y a participar de la vida.*”

<sup>68</sup> ALAND, 2012, p. 323-324.

<sup>69</sup> CARSON, 2007, p. 494.

<sup>70</sup> BOCK, 2006, p. 474-475.

<sup>71</sup> WALLACE, 2009, p. 694-695.

tradução é no presente do indicativo, mas sem perder a ideia de reafirmação da passagem: “Se vós conheceis a mim [e vós conhecestes a mim], também a meu pai conhecereis”. Essa leitura parece estar em conformidade com o restante da passagem e, portanto, optou-se por essa interpretação.

Pode-se concluir a análise da passagem com as seguintes palavras de Bruce: “Vir a Deus através desse caminho permite-nos conhecê-lo. Os discípulos já começaram a conhecer o Pai porque chegaram a conhecer o Filho (...) na verdade, no Filho eles já viram o Pai (apesar de não o terem entendido)”.<sup>72</sup>

## 4. SÍNTESE

Após o estudo da passagem pergunta-se: que princípios podem ser aplicados para a igreja nos dias atuais? Observou-se que Jesus, em um momento de extrema tensão, orientou seus discípulos a acalmarem seus corações. A perturbação pela qual passavam deveria ser substituída pela fé em Deus e também nele. É provável que Jesus estivesse lhes dando uma ordem, pois essa não é a única passagem nas Escrituras na qual o Senhor Jesus, em momentos de tensão, os repreendeu por ficarem atemorizados em vez de terem fé (Mt 14.31, 16.8, 17.20, Mc 4.40 e Lc 8.25). A fé em Deus está ligada à fé em Jesus e crer no Pai implica também em crer no Filho (I Jo 1.3, 2.22-24, II Jo 1.9). O uso da expressão “eu sou” reforça ainda mais a ligação de Jesus com Deus e sua natureza divina.

Percebeu-se também que, naquele momento singular, Jesus prometeu aos discípulos que eles seriam recebidos na casa do Pai. Em breve Jesus também lhes diria que ele e o Pai habitariam na vida daqueles que guardassem sua Palavra (Jo 14.23). Mas naquele momento Jesus desejava fortalecer no coração dos discípulos essa certeza quanto a eternidade, pois através dela eles venceriam o temor da separação. A ida de Jesus é apenas temporária, pois ele voltará, assim como prometeu, para levar os seus para junto de si. Essa esperança deve estar no coração dos cristãos hoje ao enfrentarem as provações desta vida.

Ao contrário da atitude que teve Tomé, os discípulos de Jesus não precisam ficar inseguros quanto ao caminho que devem seguir. A pergunta já foi respondida: o caminho é Jesus. Uma metáfora, claro, mas que indica

<sup>72</sup> BRUCE, 1997, p. 257.

que a fé nele traz a certeza do futuro acesso à morada celestial. Jesus não é só um caminho. Ele se apresenta como o único caminho, a verdade e a vida. A afirmação é tão clara e enfática que o discípulo de Jesus não pode aceitar que haja outro meio através do qual seja possível conhecer a Deus, pois isso iria contra as palavras do próprio Senhor Jesus. O Filho, que estava com Deus e era Deus (Jo 1.1), veio ao mundo para revelar o Pai (Mt 11.27, Lc 10.22). Os discípulos, ao conhecerem Jesus, passam a conhecer também o Pai (Jo 14.7), pois Jesus é um com o Pai (Jo 10.30).

Em um mundo cada vez mais pluralista no qual afirmações exclusivistas soam como “pouco polidas” e onde se afirma com insistência que há muitos caminhos, as palavras de Jesus seguem na contra-mão do “espírito do tempo”. Elas ecoam através dos séculos e continuam indicando que ninguém vai ao Pai senão por ele. Com que autoridade Jesus pode fazer tal afirmação? Ele fala com a autoridade de quem deu sua própria vida, como “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29), o Cordeiro Pascal, imolado para a libertação do povo, não mais do Egito como nos tempos de Moisés, mas do pecado (Jo 8.34-36) e da condenação (Jo 5.24).

## REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). **O Novo Testamento Grego**: quarta edição revisada. Barueri: SBB, 2012. 991 p.

BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as escrituras**: introdução e comentário aos evangelhos. São Paulo: Shedd, 2006. 624 p.

BOOR, Werner de. **Comentário Esperança: Evangelho de João**. Curitiba: Esperança, 2008c.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1997. 355 p.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007. 686 p.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.



DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1986. 322 p.

GOULD, E. P.; HOVEY, Alvah (Eds.). **Comentário expositivo sobre el Nuevo Testamento: 1 Coríntios – 2 Tesalonicenses**. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1973. 535 p.

GUTHRIE, Donald. **New Testament Introduction**. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1970. 1054 p.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010. 622 p.

METZGER, Bruce M. **A Textual Comentary on the Greek New Testament**. London: United Biblical Societies, 1971. 775 p.

MICHAELS, J. Ramsey. **João: novo comentário bíblico contemporâneo**. São Paulo: Vida, 1994. 376 p.

MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2012. 720 p.

OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 575 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. 631 p.

SOUZA, Itamir Neves de. **Comentário bíblico de João**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012. 380 p.

TAYLOR, William Carey. **Evangelho de João: tradução e comentário**. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1957. Vol. 2, 487 p.

THOMAS, Robert; GUNDRY, Stanley. **Harmonia dos Evangelhos: nova versão internacional**. São Paulo: Vida, 2004. 316 p.

WALLACE, Daniel B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009. 823 p.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional